

Entre o real e o imaginário: a literatura e o puritanismo de Nathaniel Hawthorne

Prof. Dr. Breno Martins Campos¹ (UPM; PUC-SP)

Resumo:

Este ensaio discute a contaminação da literatura de Nathaniel Hawthorne pelo puritanismo protestante (modo de ser e viver sob o prisma da fé religiosa, não apenas fuga dos prazeres sexuais). Nascido em Salem, descendente de puritanos ingleses que vieram "fazer a América", Hawthorne fez de sua literatura um caminho para expurgar a herança religiosa recebida de seus ancestrais. Sua libertação foi alcançada apenas no limite do possível: a busca por uma moralidade (o desejo puritano) a cada fantasia revela uma luta tensa entre imaginário e real em Hawthorne. Literariamente descendente de John Bunyan, Hawthorne escreveu alegorias com certo fundo moral. Colocou a literatura a serviço de sua cosmovisão religiosa. O objetivo principal aqui é o de demonstrar a contaminação puritana na literatura de Hawthorne (especialmente no romance A letra escarlate) – o que não o impediu de ser um dos maiores autores da literatura estadunidense.

Palavras-chave: literatura estadunidense, século XIX, Nathaniel Hawthorne, protestantismo, puritanismo

Introdução

Para o senso comum o termo puritanismo está relacionado a questões sexuais. Em diálogos cotidianos, a expressão "fulano é um puritano" talvez se refira unicamente a suas características de comedimento, moderação ou conservadorismo nas opções e práticas sexuais. Mesmo em certas falas comprometidas com o rigor acadêmico, puritanismo vem logo associado a questões de sexo. É preciso ampliar o sentido: a prática do ascetismo intramundano ou ética puritana não se resume à rejeição dos prazeres sexuais, puritanismo não é somente sexo. Se não é somente sexo, é sexo também. Por via paralela: também não é somente honestidade, embora o puritanismo seja mesmo um conjunto de moralidades que inclui a honestidade como um de seus frutos mais maduros. Também não é somente respeito à propriedade privada, vida de fé e religião, defesa da família nuclear, apologia das guerras justas ou santas, afastamento do gozo estético, limitação da reflexão e do livre pensamento, incentivo ao trabalho, frugalidade e economia. É tudo isso ao mesmo tempo.

Não é caso de apresentar aqui a genealogia do puritanismo nem sua historiografia, por falta de espaço, mas um recurso à história é viável: concepções que possam se chamar prototípicas de puritanismo sempre permearam o espírito e a práxis humana, mesmo que sob outros nomes ou rótulos, mesmo fora de contextos religiosos, mesmo longe do Ocidente. O que não impede a consideração de que houve uma radicalização cristã e depois protestante das idéias de luta contra o mal, o pecado e a carne, de ascetismo a favor de uma vida superior, de mortificação do corpo e da carne para elevação do espírito, de desprezo da história em favor da eternidade, do exercício do autocontrole e da frugalidade contra o gozo dos prazeres. Em resumo: rejeição do mundo.

Já se tornou clássica na sociologia brasileira da religião, especialmente do protestantismo, uma não-definição proposta por Antônio Gouvêa Mendonça: "Não se pode (...) com exatidão dar uma definição do puritanismo. É um modo de ser, de ver os homens e as coisas sob o prisma da fé religiosa. É, essencialmente, um modo de viver" (MENDONÇA, 1984. p.37). Proposição suficiente para a discussão que vem em seguida, ampliada pelas informações e comentários que aparecerão ao longo do ensaio. Ver os homens e as coisas sob o prisma da fé religiosa, dentre outras coisas, signi-

fica ver as coisas através das lentes que sistematizam teologicamente determinada fé religiosa. O caso do cristianismo, católico-romano ou protestante, é pródigo na criação de lentes que direcionam os olhos a enxergar as coisas de acordo com interesses religiosos. Como o universo deste ensaio é mais protestante do que católico, talvez exclusivamente protestante, que se destaquem os dogmas, as confissões, os credos como lentes, haja vista a não-existência de papa ou magistério.

Antes de o texto desviar-se para caminhos não pretendidos aqui, por exemplo, a relação dos dogmas com o poder nas igrejas cristãs, é bom apontar o objetivo principal deste ensaio: relacionar práxis puritana (teologia transformada em ética e moral) e literatura, sob a mediação de pressupostos das ciências sociais. Relação já sugerida e desenvolvida pelo próprio Mendonça: "A teologia do puritanismo está expressa, em seus termos mais radicais, nas obras de Milton (*Paraíso perdido*, 1667) e de Bunyan (*O peregrino*, 1678). Para Max Weber só a leitura deste último já é suficiente para se conhecer a atmosfera peculiar do puritanismo" (MENDONÇA, 1984. p.38).

A seção citada do texto de Weber também evidencia relação direta entre puritanismo e literatura:

*Apesar da necessidade de participar da verdadeira Igreja para a salvação, o intercâmbio do calvinista com seu Deus era desenvolvido em um profundo isolamento espiritual. Para perceber os resultados específicos desta atmosfera peculiar é apenas necessário ler nos *Pilgrim's Progress*, de Bunyan, indiscutivelmente o livro mais lido de toda a literatura puritana, a descrição da atitude do "cristão" após ter compreendido estar vivendo na "cidade da Destruição", e depois de receber o chamado para encetar sua peregrinação à cidade celestial (WEBER, 1967. p.74).*

Depois da afirmação sem dados comprobatórios acerca da quantidade de leitores da obra de Bunyan, Weber passa a narrar trechos do livro, a história de Cristão (nome próprio do peregrino) no momento em que compreende estar vivendo na "Cidade da Destruição" (o mundo e suas relações) e recebe o chamado para peregrinar rumo à "Cidade Celestial". A força da ideologia religiosa apresentada por Bunyan pode ser sentida na seguinte passagem: "Cristão começou a correr. Ainda estava perto de casa quando sua esposa e seus filhos notaram-no e passaram a chamá-lo insistentemente para que voltasse. Mas Cristão tapou os ouvidos com as mãos e continuou a correr, clamando: – Vida, vida, vida eterna!" (BUNYAN, 1981. p.17).

Quando a narrativa da peregrinação já atravessou a metade, ao conversar com Discrição, Prudência, Piedade e Caridade, personagens de uma família que morava em casa que hospedou Cristão em sua caminhada, o peregrino diz: "Na cidade celestial espero ver Aquele que esteve crucificado. Eu O amo porque Ele me livrou de meu fardo. Mas a minha esposa e os meus filhos não quiseram vir comigo, porque receavam muito perder este mundo, e se entregaram aos prazeres da mocidade" (BUNYAN, 1981. p.47). Bunyan recebeu o aplauso de um mundo crente ao descrever "as emoções do fervoroso puritano preocupado somente com a sua salvação" (WEBER, 1967. p.74).

1 O puritanismo do homem de letras

Segundo o modelo do que foi proposto por Weber em relação à obra de Bunyan, este ensaio tem a pretensão de dialogar com outro autor puritano, Nathaniel Hawthorne, nascido em 1804 no porto de Salem, Massachusetts, EUA, muitas décadas depois da morte de Bunyan em 1688; e quase 200 anos depois da viagem do *Mayflower*, o navio que levou os primeiros puritanos ingleses (os pais peregrinos) para a América do Norte, tendo partido de Southampton aos 16 de setembro de 1620 e atracado na cidade por eles fundada de Plymouth aos 26 de dezembro daquele ano.

Jorge Luis Borges proferiu conferência a respeito de Nathaniel Hawthorne em março de 1949, no "Colegio Libre de Estudios Superiores", cujo texto foi publicado em seu livro *Outras inquisições* de 1952 (utilizado aqui como interlocução privilegiada). Borges apresenta Hawthorne como um sonhador – a literatura como sonho –, escritor das fantasias de um mundo imaginário (que podem ser acusadas de alegorias, para o bem ou para mal) em forma de contos e romances. Literatura de gênero fantástico e alegorias que entraram na vida de Hawthorne desde muito cedo (fato corriqueiro para crianças que nascem e crescem no seio de famílias que valorizam a leitura da Bíblia e a transmissão de suas histórias).

Naquele tempo [o da infância de Hawthorne] não existia (para felicidade das crianças, sem dúvida) literatura infantil; Hawthorne leu aos seis anos o Pilgrim's Progress; o primeiro livro que comprou com o próprio dinheiro foi The Faerie Queen: duas alegorias. Também, embora seus biógrafos não o digam, a Bíblia; talvez a mesma que o primeiro Hawthorne, William Hawthorne de Wilton, trouxera da Inglaterra junto com uma espada, em 1630. Acabei de pronunciar a palavra alegorias; essa palavra é importante e, em se tratando da obra de Hawthorne, talvez imprudente ou indiscreta. Sabe-se que Edgar Allan Poe acusou Hawthorne de alegorizar e que aquele opinava serem tal atividade e gênero indefensáveis. Duas tarefas nos deparam: a primeira, indagar se o gênero alegórico é, de fato, ilícito; a segunda, indagar se Nathaniel Hawthorne incorreu nesse gênero (BORGES, 1999. p.53).

Por falta de competência, não cabe aqui discutir se Hawthorne utilizou-se ou não de alegoria em sua criação literária, muito menos se ela é ilícita como gênero literário, "gênero bárbaro ou infantil, uma distração da estética" (BORGES, 1999. p.53), como seus desdenhosos críticos a apresentam. O que interessa é a seguinte opinião de Borges a respeito de Hawthorne (no caso, em comparação com José Ortega y Gasset):

Ortega pode raciocinar, bem ou mal, mas não imaginar; Hawthorne era homem de contínua e curiosa imaginação; mas refratário, digamos assim, ao pensamento. Não que ele fosse pouco inteligente; digo que pensava por meio de imagens, de intuições, como costumam pensar as mulheres, não por meio de mecanismo dialético. Foi prejudicado por um erro estético: o desejo puritano de fazer de cada imaginação uma fábula levava Hawthorne a acrescentar-lhes moralidades e, às vezes, a falseá-las e a deformá-las. (...) São melhores aquelas fantasias puras que não procuram justificativa nem moralidade e que parecem não ter outro fundo além de um obscuro terror (BORGES, 1999. p.54-55).

Além do diálogo entre imaginário e real (reflexos e duplicações da arte) está também presente nos textos de Hawthorne o diálogo entre cada ser humano e todos os outros, tendo por base a noção de que um é todos (o que Borges chama de panteísmo).

Percebe-se nos esboços [de Hawthorne] algo mais grave que as duplicações e o panteísmo, mais grave vindo de um homem que aspirava a ser romancista, quero dizer. Percebe-se que o estímulo de Hawthorne, que o ponto de partida de Hawthorne eram, em geral, situações. Situações, não personagens. Hawthorne primeiro imaginava, quem sabe involuntariamente, uma situação para depois procurar personagens que a encarnassem. (...) Esse método pode produzir, ou permitir, contos admiráveis, porque neles, dada sua brevidade, a trama é mais visível que os atores, mas nunca romances admiráveis, onde a forma geral (quando existe) só é visível ao final e onde um único personagem mal inventado pode contaminar de irrealidade aqueles que o acompanham. Das razões acima poder-se-ia deduzir, de antemão, que os contos de Hawthorne valem mais que os romances de Hawthorne. Eu entendo que é assim (BORGES, 1999. p.56-57).

Corolário: Borges assume que os 24 capítulos de *A letra escarlate*, ainda que possuam passagens memoráveis, não o comoveram mais do que a história de Wakefield, incluída nos *Twice-Told Tales* (1837), por exemplo. Reconhecendo toda a importância da opinião de Borges, aqui este ensaio se afasta um pouco dela, sem a abandonar definitivamente – o que se justificará em passagens próximas –, pois o livro escolhido para análise alternativa à de *O Peregrino* de Bunyan é justamente *A letra escarlate* de Nathaniel Hawthorne. O que se mantém como hipótese de trabalho é a contaminação puritana de sua literatura.

Hawthorne era puritano por origem familiar e cidade natal, como já se anunciou. Ex-capital do puritanismo em a Nova Inglaterra, Salem era um local de nascimento que não deixava ninguém impune diante da ética puritana.

(...) embora me sinta invariavelmente muito feliz em qualquer outro sítio, há dentro em mim um sentimento pela velha Salem, que, à falta de mais adequada expressão, devo contentar-me em denominar afeto. Este sentimento deriva muito provavelmente das fundas e velhas raízes que minha família lançou naquele solo. Vai para dois séculos e um quartel que o mais antigo emigrante bretão, que usava meu nome, apareceu na colônia inculta e ladeada de florestas que mais tarde se converteu em cidade (HAWTHORNE, s.d.b. p.14-15).

Um antepassado de Hawthorne havia sido um dos caçadores de feiticeiras em Salem, paradoxalmente, digno e pecador, virtuoso e intolerante. O autor de *A letra escarlate* comenta a herança simbólica recebida da família:

A figura daquele primeiro antepassado, investido por tradição de família numa grandeza pálida e obscura, estava presente a minha imaginação de guri, tanto quanto me é dado mergulhar nas recordações dos tempos idos, e ainda hoje me persegue e sugere uma espécie de comunidade sentimental com meus avoengos de outras eras, e que eu dificilmente posso invocar em referência à fase presente da cidade. Mais do que por ser quem sou, personagem de quem raramente se ouve o nome e cujo rosto mal é conhecido, assiste-me um direito mais forte para residir aqui, graças àquele velho antepassado austero, barbudo, vestido de pele de marta, que para aqui veio tão cedo, com a Bíblia e a espada, e pisou, altivo, a rua ainda virgem, em sua imponente figura de homem para a paz e para a guerra. Era soldado, legislador, juiz; chefe religioso na Igreja; possuía todos os traços puritânicos, os bons e os maus. (...)

Seu filho herdou-lhe o ardor de perseguição e de tal maneira se notabilizou em martirizar bruxas e feiticeiras, que o sangue destas deixou nele uma nódoa. Nódoa tão profunda, que suas ossadas ressequidas, no cemitério da Rua Charter, ainda a retêm, se é que não se encontram já totalmente reduzidas a pó. Não sei se estes meus antepassados cogitaram algum dia de se arrepender e pedir perdão ao céu das muitas crueldades que praticaram, ou se ainda estarão gemendo sob as pesadas conseqüências das mesmas, numa outra vida. Seja como for, eu, o presente escritor, como representante deles, tenho vergonha de mim mesmo pelos bárbaros feitos por eles praticados, e peço para que todas as maldições em que tenham incorrido sejam de mim afastadas agora e sempre – pois sempre ouvi dizer que elas passam de geração em geração, de acordo com uma sinistra e fatídica lei do destino que impende sobre a raça humana (HAWTHORNE, s.d.b. p.15-16).

Hawthorne apresentava-se como um homem atormentado por seu puritanismo, ou melhor, pelo recebido por herança de seus ancestrais; atormentado também pela teologia da predestinação radical dos calvinistas; atormentado ainda pela noção de soberania do Deus todo-poderoso, que esvaízia o ser humano em suas potencialidades; por fim, atormentado pela noção inexorável de pecami-

nosidade, intolerância dos dogmas, obrigatoriedade dos frutos materiais e de outras doutrinas transformadas em exigência ética, moral ou prática.

Ele foi um puritano atormentado consigo mesmo e que fez da literatura sua arte para retratar a realidade que observava, analisava, ajudava a construir e da qual fugia, às vezes, como eremita. Se Bunyan pode ser considerado um asceta ativo, instrumento de Deus que rejeita o mundo em luta pela sua transformação, Hawthorne deve ser entendido como um asceta passivo, aquele que evita o agir. Hawthorne fez da literatura um caminho particular de salvação e de expurgo do que ele chamava de maus traços puritânicos presentes em seus antepassados. Crítico silencioso, ou pouco ruidoso, do puritanismo e de sua inserção nele, reinventou o puritanismo, mas o receio do inferno não lhe permitiu abandoná-lo. Não lhe foi permitido um rompimento definitivo com os ancestrais e sua história de horror.

Sem dúvida, alguns destes austeros e carrancudos puritanos devem ter pensado, seria mais que suficiente castigo de seus pecados que, com o rodar dos anos, o velho tronco da árvore familiar, coberto de respeitável camada de musgo, houvesse de produzir, na extremidade de seu ramo mais elevado, um vagabundo como eu. Nenhuma das aspirações, que eu tenha acariciado, eles a teriam reconhecido como digna de louvor; nenhum de meus êxitos, – se é que minha vida, para além do círculo doméstico, tem sido bafejada pelo êxito, – eles o reputariam senão como sem valor, quando não totalmente ignominioso. "Quem é ele?" murmuram entre si as sombras acinzentadas de meus avoengos. "Um escritor de livros de contos! Que espécie de ocupação é essa na vida, que modo de glorificar a Deus e de prestar serviços aos homens de sua geração? Uai! o rebento degenerado podia também ter saído um violinista!" São estas as saudações trocadas entre meus antepassados e a minha ilustre pessoa, através do golfo do tempo! Deixemo-los escarnecer de mim quanto quiserem, não resta dúvida que fortes traços de sua natureza se cruzaram com os meus (HAWTHORNE, s.d.b. p.16).

Será possível a um escritor – tão dado ao ócio necessário à inventividade e criatividade, que vive da e para a reflexão – exercitar a ética profissional puritana de quem trabalha para a glória de Deus? "Hawthorne nunca deixou de sentir que a tarefa do escritor era frívola ou, o que é pior, culpada" (BORGES, 1999. p.63). Sem que assumisse explicitamente, Hawthorne retornou a Salem para trabalhar: "Senti como que a força do destino a impor-me que fizesse de Salem o meu lar" (HAWTHORNE, s.d.b. p.17). Havia de ser em Salem, ali havia contas a pagar. Depois de ter estado fora de sua terra por longo tempo, voltou a ela para um trabalho convencional, no qual pudesse viver a ética reclamada de si pela família, ou por ele mesmo projetando seus demônios nos familiares ancestrais ou em seus contemporâneos. "Esta velha cidade de Salem – minha terra natal, apesar de eu ter vivido muito longe dela, tanto na juventude como na idade madura – possuí, ou possuiu um cantinho da minha afeição, a intensidade da qual nunca me foi possível manifestar durante os períodos que nela residi" (HAWTHORNE, s.d.b. p.14).

Hawthorne assumiu posto de superintendência na alfândega dos EUA localizado em Salem. Foi no prédio daquela instituição que, num dia de chuva ao remexer em entulhos amontoados, ele encontrou a documentação antiga que o inspirou a escrever o romance *A letra escarlate*. "Este incidente reconduziu, de algum modo, meu espírito a seu velho trilho. Pareceu-me haver ali matéria para um conto" (HAWTHORNE, s.d.b. p.39).

Três anos depois de ter iniciado seu trabalho em Salem, com a mudança no governo dos EUA em 1849, veio a demissão por motivações políticas. Àquela altura de sua história pessoal, Hawthorne achava-se entretido em cálculos de quantos anos teria pela frente na alfândega e de como poderia aproveitar ainda a vida com dignidade depois da aposentadoria. Foi com a demissão que o espírito do escritor, do homem de letras, tomou conta de si novamente. Havia sido recolocado nos trilhos de sua vida, ainda que para desgosto da memória puritana de seus antepassados e de sua ética: "Estava-

me alarmando desnecessariamente, porque a Providência havia planejado, em meu favor, perspectivas bem mais sorridentes do que as que eu poderia ter ideado" (HAWTHORNE, s.d.b. p.46). Ela sempre quer o melhor para seus filhos.

O ser humano real, com a cabeça incólume sobre os ombros durante todo este tempo, chegou à conclusão muito animadora de que tudo fora pelo melhor; e munido-se de tinta, papel e bicos de escrever, abriu de novo a sua escrivãzinha de há muito fechada, e voltou de novo a ser um homem de letras (HAWTHORNE, s.d.b. p.49).

Para uma grave contingência nada melhor do que o consolo advindo da racionalização que atribui à Providência as decisões e o destino. O puritanismo de Hawthorne não lhe permitiu escapar a uma explicação providencial para o caso de sua vida e demissão, o que foi para melhor de fato, os EUA perderam um funcionário, e a literatura, seu verdadeiro chamado, recuperou um autor em seu vigor. *A letra escarlate* apresenta-se como um clássico da literatura estadunidense, a respeito de uma sociedade fortemente influenciada pelos ideais vitorianos ingleses de moral e sexualidade, com uma dose paradoxal de relativização, pois Hawthorne esforça-se para acrescentar tolerância às interpretações e atitudes puritânicas de seus antepassados e dos conterrâneos de seu tempo.

2 As letras do homem puritano

Como passagem intermediária de *O Peregrino* de Bunyan para *A letra escarlate* de Hawthorne, insere-se a síntese de um conto do puritano estadunidense: "A estrada de ferro celestial" de 1843, publicado pouco depois em *Mosses from an old manse*. Conto que está ambientado dentro da história do *Progresso do Peregrino* ou *O Peregrino* de Bunyan – mesmo cenário, linguagem, cosmovisão, personagens muito semelhantes, lembranças, memórias e citações de Cristão, o personagem de Bunyan, dentre outras similitudes deliberadamente traçadas e executadas.

Em "A estrada de ferro celestial", um personagem sem nome quer visitar a Cidade de Deus, mesmo alvo da peregrinação do Cristão de Bunyan, e descobre que há uma estrada de ferro e um trem que conduzem os peregrinos interessados em chegar até lá. Os peregrinos não precisam mais caminhar, nem carregar seus fardos, nem vencer as dificuldades próprias da trilha em caminho estreito. O trem faz todo o serviço e não sai dos trilhos. A riqueza da ironia reside no fato de sempre existir uma explicação positiva – ou tornada positiva – para o que no texto de Bunyan eram ataques do diabo aos peregrinos. Um exemplo: no trem havia compartimentos para cargas, ou seja, além de não ter mais a necessidade de caminhar, o viajante também estava livre de seus fardos.

O responsável por acompanhar o personagem central da trama recebe um nome muito sugestivo (como todos os outros nesse tipo de literatura alegórica): "Sr. Arranja-Tudo", um facilitador que nem sempre se utilizava de meios legais ou legítimos para resolver os problemas e responder às demandas dos viajantes sob sua responsabilidade. Com tanta facilidade proporcionada pelo trem e pelas explicações razoáveis do Sr. Arranja-Tudo, os peregrinos *à la* Cristão, que continuavam a se esforçar e insistiam em caminhar e carregar seus pertences desprezando a nova ordem das coisas, eram ridicularizados. Como alguém podia trocar a facilidade e a eficiência do novo meio de transporte para a Cidade Celestial pela manutenção do velho método ultrapassado?

Até os ministros (pastores) tinham aderido às facilidades e exibiam-se na Feira das Vaidades, na cidade da Vaidade, sempre pronta a desencaminhar um peregrino por meio da sedução.

(...) O leitor cristão, se não teve notícia dela [da cidade] depois da época de Bunyan, ficará surpreso em saber que quase todas as ruas têm uma igreja, e que em parte alguma o clero é tão respeitado como na Feira das Vaidades. E bem que

os sacerdotes merecem tão alta consideração. Pois as máximas de sabedoria e de virtude que caem de seus lábios provêm de uma fonte espiritual tão profunda e tendem para uma meta religiosa tão elevada como as dos sábios filósofos da Antigüidade. Justificando esse alto louvor, basta-me citar os nomes do reverendo Raso-Fundo, do reverendo Tropeça-na-Verdade, da belíssima pessoa do reverendo Isto-Hoje, que espera poder em breve aposentar-se, e ser substituído no púlpito pelo reverendo Aquilo-Amanhã; e mais o reverendo Perplexidade, o reverendo Ento-pe-o-Espírito, e por derradeiro, o maior de todos, o reverendo Vento-de-Doutrina. Os labores desses eminentes teólogos são complementados por numerosos conferencistas, que difundem uma tão vária profundidade em todos os assuntos da ciência humana ou celestial, que qualquer pessoa pode adquirir uma erudição onímoda sem o trabalho de ao menos aprender a ler (HAWTHORNE, s.d.a. p.95-96).

O enredo prossegue cheio de referências à primeira peregrinação do Cristão interpretada pela viagem de trem do novo cristão anônimo. O resultado? O esperado, com a dose de crença cristã também esperada. Tudo não passava de uma armação demoníaca. Ao final, os passageiros daquele trem embarcam em uma espécie de balsa que os leva diretamente à Cidade da Destruição, em meio às gargalhadas do demônio Sr. Arranja-Tudo. O fim só não é trágico, pois aponta uma esperança puritana de conversão. Ainda havia tempo.

(...) Precipitei-me para o convés da barca, desejoso de atirar-me à praia; mas as rodas, ao começarem as suas revoluções, atiraram em cima de mim um borriço tão frio – tão mortalmente frio mercê do gelo que jamais deixará essas águas até que a Morte se afogue em seu próprio rio – que... com um tremor e um baque no coração, acordei. Graças ao céu – tudo fora um sonho! (HAWTHORNE, s.d.a. p.103).

Assim acaba o momento fantástico da hesitação – realidade ou sonho? – e a personagem percebe: "tudo não passara de um sonho" e a realidade, acrescentada de uma lição proveniente de certa fé moral puritana, reserva novas chances a quem quiser trilhar o seu caminho estreito e cheio de dificuldades, o único que leva à salvação.

Os pastores, que na Feira das Vaidades são retratados como agentes religiosos decadentes e vencidos pelo espírito do século, em *A letra escarlate* estão encarnados em um fornicador. Eis a aproximação do puritanismo com os temas da sexualidade (aquela proibida, especialmente).

Naquele dia de chuva em que Hawthorne encontrou, ou alegou haver encontrado, documentos antigos no edifício da alfândega de Salem, algo lhe tocou mais do que os interessantes documentos do passado:

Mas o objeto que mais me chamou a atenção (...) foi um pedaço de pano vermelho, poído e desbotado. Havia em volta dele vestígios de bordados de ouro, muito gastos e deteriorados, de sorte que, do primitivo brilho, pouco ou nada já restava. Era fácil de perceber que fora trabalhado com notável perícia; e o ponto (segundo me informaram senhoras entendidas nestes segredos) dava mostras de uma arte agora esquecida, que dificilmente será reencontrada mesmo pelo processo de apanhar os fios. Este farrapo de tecido escarlate, – pois o tempo e o uso e a sacrílega traça o reduziram a pouco mais do que farrapo – a um exame atento, assumia a forma de uma letra: a letra maiúscula A. Procedendo a uma rigorosa mensuração, cada perna da letra contava precisamente três polegadas e um quarto de comprimento. Tem-se imaginado – disso não resta a mínima dúvida – que seria um motivo de ornamentação de vestuário; mas de que modo devia ser empregado, ou qual a categoria, honra ou dignidade a que, no passado, correspondia, isso era um enigma que eu tinha pouca esperança de solucionar, não obstante o singular interesse que em mim despertava. Meus olhos, como que cedendo a um fascínio, cravavam-se na letra escarlate. Decerto, algum profundo significado ela continha, que valesse a pena interpretar, significado que, por assim dizer, irradiava daquele símbolo mis-

tico e penetrava no mais íntimo de minha sensibilidade, mas logrando sempre evadir-se à análise de meu espírito (HAWTHORNE, s.d.b. p.37-38).

Conforme revela o seu romance, a letra escarlate encontrada por Hawthorne havia sido a prisão de Ester, a protagonista da história, aquela que se engravidou do Rev. Dimmesdale. Em Nova Inglaterra – a história se passa em Boston, Massachusetts –, longe do marido que supostamente havia morrido em sua viagem da Inglaterra para a América, uma vez que havia deixado para viajar depois de sua mulher, Ester apaixonou-se pelo jovem e promissor pastor da comunidade de puritanos. Sem cumprir os rituais e o tempo previsto pelas leis religiosas de sua comunidade para novo casamento em casos de desaparecimento do corpo do marido morto, Ester e Dimmesdale mantiveram relações sexuais. Ela ficou grávida e deu à luz Pérola.

Como não houve meios de a comunidade puritana arrancar dela o segredo da paternidade da criança, nem mesmo pelo esforço dos magistrados e religiosos, incluindo o Rev. Dimmesdale, depois de colocada para fora da cadeia, a cadeia foi posta em Ester, em seu corpo, uma letra a exhibir sempre e publicamente o seu adultério. Não poderia ser vista em público sem a letra no peito, pois a comunidade precisava saber e lembrar-se de seu ato pecaminoso. Ester passou a ser uma prédica viva contra o pecado. Só não foi condenada à pena de morte por causa da suspeita de que seu marido estivesse morto e também porque o pai da criança não se manifestou e nem foi por ela denunciado. Tornou-se uma mulher cujo direito de ir e vir estava limitado pelo fato de ir e vir encarcerada. Viveu anos de vergonha e preconceito.

Os líderes da comunidade puritana, para os quais não havia grandes distinções entre religião e lei, acreditavam que o fato de a pecadora Ester carregar exteriormente o sinal e a prova de seu pecado serviria de disciplina e adestramento às outras jovens que talvez passassem pelas mesmas tentações e provas, e que enfrentassem em potencial as mesmas fraquezas e paixão daquela mulher. Às decisões da liderança puritana masculina Hawthorne acrescenta que as mulheres também eram juízas severas de Ester e de seu pecado. Muitas consideravam leve a pena de carregar no peito a letra escarlate de desonra pública para alguém que havia maculado a condição feminina puritana.

Ester passou a ser desprezada pela sua comunidade de irmãos. Por onde passava, sua presença era anunciada pela letra escarlate da vergonha em seu peito. As pessoas afastavam-se dela. Havia sempre um diâmetro vazio de terreno a separar o seu corpo dos de seus concidadãos, mesmo em ajuntamentos de muitas pessoas, como festas, feiras ou desfiles. Uma comunidade escolhida por Deus, eleita para abençoar o mundo todo, não podia aceitar o pecado, o desvio, próprios da condição humana; nem mesmo a alegria, o gozo, o contentamento, que são sentimentos humanos. Hawthorne esforçava-se para criar ao seu leitor a idéia e a imagem de uma comunidade grave e séria, de pessoas com roupas escuras a cobrir o corpo todo, de relacionamentos respeitosos, frios e distantes. Reservando sempre um comentário provocativo a respeito de certa hipocrisia que nasce em comunidades tão rígidas e rigorosas.

Apesar de ter sido mantida em sigilo a paternidade de Pérola, Dimmesdale não teve anos tranquilos em sua lide pastoral em Boston. Padeceu de muita angústia e sofrimento; não só, remorso e covardia acompanharam também a experiência daquele pregador da palavra de Deus que era admirado por seus fiéis de todas as idades. Ele carregava na carne do coração o sinal que Ester ostentava no exterior do corpo junto às vestes. Dimmesdale havia sido formado dentro da mentalidade e da ética puritanas. Sua situação de tormento pessoal se agravava ainda mais na medida em que o médico Rogério Chillingworth, o legítimo marido de Ester chegado à comunidade, conhecedor da medicina do corpo e da alma, da farmacologia tradicional e da indígena, aproximava-se dele e com ele mantinha relações de amizade e confissão. Mesmo antes de conhecer o parentesco de Chillingworth com Ester, o médico já causava um sentimento estranho no pastor, misto de confiança e repulsa, admiração e desprezo. Ambos passaram a morar na mesma casa, a fim de que o médico cuidasse do pastor o tempo todo, pois a comunidade inteira estava preocupada com seu ministro.

A saúde de Dimmesdale piorava diariamente a olhos vistos. O sentimento de pecado tomava conta de seu ser. A doença da alma estava matando o corpo. Desejava ele a morte a cada dia e com ela se encontrou ao final do romance sem poder desfrutar um único momento de paz na companhia de Ester e Pérola. A sua paz consistiu em revelar-se à comunidade para em seguida abandoná-la indo ao encontro do juízo divino, merecido juízo para quem tem uma noção exacerbada de culpa.

Das muitas lições de moral que se desprendem da triste experiência do inditoso ministro, tomamos somente uma e assim a formulamos: "Sê verdadeiro! Sê verdadeiro! Sê verdadeiro! Mostra livremente ao mundo, se não o que em ti há de pior, ao menos alguns traços, dos quais se possa inferir o pior" (HAWTHORNE, s.d.b. p.239).

Há alguma chance de um sujeito humano ser sincero e ao mesmo tempo mostrar ao mundo algo de bom, pelo menos alguns traços dos quais se possa inferir o melhor? Difícil para alguém cuja literatura deixava-se levar pela "doutrina cristã, e especificamente calvinista, da depravação ingênita dos homens" (BORGES, 1999. p.62). Mas não impossível, pois é o mesmo autor que encerra seu romance apostando em tempos novos, mais desanuviados, nos quais, com o mundo mais amadurecido, "(...) na hora marcada por Deus, uma nova verdade seria revelada, verdade destinada a estabelecer as relações entre homem e mulher sobre fundamento mais seguro de mútua felicidade" (HAWTHORNE, s.d.b. p.242). Ainda mais porque a profetisa das novas possibilidades era uma mulher adúltera, que carregava uma letra escarlate em seu peito.

Conclusão

Hawthorne "fez e procurou fazer da arte uma função da consciência" (BORGES, 1999. p.64). O que leva o ensaísta argentino a atribuir condição verdadeira às idéias germinais do autor estadunidense e falsidade (melhor, o eventualmente falso) às moralidades, que Hawthorne "acrescentava no último parágrafo ou os personagens que idealizava, que armava, para representá-las" (BORGES, 1999. p.64). Dentro do conjunto da obra de Hawthorne, Borges enxerga uma diferença interessante entre *A letra escarlate* e outros textos: "Os personagens de *A Letra Escarlate* – sobretudo Hester Prynne, a heroína – são mais independentes, mais autônomos, que os de outras ficções de Hawthorne; assemelham-se mais aos habitantes da maioria dos romances e não são meras projeções do autor ligeiramente disfarçadas" (BORGES, 1999. p.64). O que leva Borges a discordar de outros críticos que consideram *A letra escarlate* o testemunho imprescindível de Hawthorne, pela sua objetividade. Segundo Borges, os que querem considerar um autor pela objetividade devem ir a Conrad ou Tolstoi. Encontrar o sabor peculiar de Hawthorne é ler mais os seus contos (leves e patéticos) ou páginas secundárias de seus textos, e menos seus romances.

Como este ensaio já se afastou do roteiro de Borges mais de uma vez (numa delas a questão foi de fundo: Borges dialoga mais com os contos de Hawthorne, pelo que se disse acima, ao passo que o diálogo principal neste texto é com *A letra escarlate*), não interessa escapar de um novo afastamento aqui. Não foi interesse deste ensaio apontar a objetividade de Hawthorne para concordar com os interlocutores de Borges, antes, sua organização tem como fonte e destino dar visibilidade ao puritanismo (cosmovisão e práxis), sem o qual *A letra escarlate* não lograria existir, nem Ester Prynne. Em todas as páginas daquele romance, não apenas nas secundárias.

Em suas *Seis propostas para o próximo milênio*, Italo Calvino (2003) apresenta a visibilidade em quarto lugar (as outras são, pela ordem, leveza, rapidez, exatidão e multiplicidade): "No momento em que devia partir para os Estados Unidos já havia escrito cinco das seis conferências. Falta a sexta, 'Consistency', sobre a qual só sei que devia fazer referências ao *Bartleby*, de Herman Melville" (Esther Calvino, in CALVINO, 2003. p.5-6). O interesse de Calvino está depositado na litera-

tura e no espaço para ela dentro da perspectiva de um novo milênio que, naquele caso, apenas se avizinhava, pois suas conferências em Harvard como *Charles Eliot Lecturer* seriam proferidas no ano letivo de 1985-1986, não fosse a sua morte. O interesse aqui é o de transpor as idéias de Calvino, sem as adulterar, para dentro do escopo da análise levada a cabo neste ensaio: o problema da "escolha entre várias imagens que 'chovem' na fantasia" (CALVINO, 2003. p.102). A quais imagens o autor deve dar visibilidade no seu texto literário? Calvino fala de um tempo em que a literatura não tem mais as amarras de uma autoridade ou tradição. Sem finalidade última, ela "visa à novidade, à originalidade, à invenção" (CALVINO, 2003. p.102).

Mesmo sem ter o céu transcendental como ponto de partida, as fontes de inspiração dos autores contemporâneos, consideradas absolutamente terrestres ainda que inconscientes, são processos que extrapolam a intenção e controle dos autores, "assumindo a respeito do indivíduo uma espécie de transcendência" (CALVINO, 2003. p.102).

Distanciado do século XXI por décadas, Hawthorne talvez não tenha tido a oportunidade de viver num universo literário tão desamarrado do imaginário social (com destaque para a religião, no caso dele). Escolher as imagens que choviam em sua fantasia, para lhes dar visibilidade no texto, deve ter sido para ele sempre uma tarefa de sua imaginação em diálogo com sua religiosidade.

Seja como for, todas as "realidades" e as "fantasias" só podem tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto (CALVINO, 2003. p.114).

A letra escarlate é um livro que nasce da realidade puritana conhecida e vivida por Hawthorne e, ao mesmo tempo, constrói uma realidade literária, fantástica, também puritana. Dado o caráter transdisciplinar deste ensaio, pode-se assumir que o tempo todo foi tentada uma leitura da obra de Hawthorne em diálogo com suas condições sociais (pelo menos, com aquelas internalizadas por ele). Antes de ser uma imposição da sociologia ou da historiografia à literatura – a ficção como um tipo de documento – o exercício é autorizado pelo próprio caráter religiosamente intrínseco da obra. Sociologia, historiografia, teologia e literatura estão em diálogo aqui, não em concorrência. Demonstrar a influência da religiosidade puritana nos textos de Nathaniel Hawthorne ou, dito de outra maneira, a contaminação puritana da literatura de Hawthorne: não foi outro o objetivo deste ensaio.

Referências Bibliográficas

- [1] BORGES, Jorge Luis. Outras inquisições. In: _____. *Obras completas*, v. II. São Paulo: Globo, 1999. p. 7-171.
- [2] BUNYAN, João. *O peregrino: a história da viagem de um cristão à cidade celestial*. 4 ed. São Paulo: Fiel, 1981.
- [3] CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 3 ed. 1 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- [4] HAWTHORNE, Nathaniel. A estrada de ferro celestial. In: _____. *Os melhores contos de Nathaniel Hawthorne*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.a. p. 85-103.
- [5] _____. *A letra escarlate*. São Paulo: Saraiva, s.d.b.
- [6] MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir*: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.
- [7] WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.

Autor

¹ **Breno Martins CAMPOS, Prof. Dr.**

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM); Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

E-mail: trieb.campos@ig.com.br